

O DESENHO INFANTIL E AS MATERIALIDADES DA NATUREZA – CRIAÇÃO E IMAGINAÇÃO

JULIANA DE ÁVILA ULGUIM¹; MARISTANI POLIDORI ZAMPERETTI²

¹*Universidade Federal de Pelotas – ulguim79@hotmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – maristaniz@hotmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo estudar possibilidades expressivas de incentivo à criança para as várias maneiras do desenhar, buscando, a partir de uma atividade prática com o desenho, analisá-la, com vistas à promoção da reflexão sobre o fazer docente. Esta pesquisa realizada em maio de 2015 tem origem na disciplina Artes Visuais na Educação I – Pré-Estágio I, ministrada pela professora Maristani Zamperetti, que é oferecida no curso de Licenciatura em Artes Visuais na Universidade Federal de Pelotas.

É de suma importância pensar sobre o desenho, pois ele promove o desenvolvimento da capacidade criadora, com autonomia e liberdade de expressão. A partir de uma aula atraente e diversificada a criança guardará em sua memória a lembrança desses momentos, como uma experiência prazerosa e repleta de sentido.

O estudo realizado aborda uma prática pedagógica em Artes Visuais, voltada para uma proposta de interação com os materiais naturais, a partir do trabalho com folhas verdes e/ou secas e outros elementos, dispostas no ambiente. Tem como propósito a criação e reinvenção de formas a partir do que a criança experimenta em seu entorno, buscando a experimentação de elementos que transcendem o elenco de materialidades consideradas artísticas.

Entende-se que a partir da observação, a criança vê, escuta e tem contato com as formas do meio ambiente, e desta maneira, como um ser em movimento, conforme acentua DERDYK (1989, p. 11), “a criança vivencia, organiza, operacionaliza, elabora, projeta, constrói, destrói em busca de novas configurações”. Assim, “a vivência é a fonte do crescimento, o alicerce da construção de nossa entidade. Fornece um leque de repertório, amplia a possibilidade expressiva” (1989, p. 11).

2. METODOLOGIA

Por meio de uma pesquisa qualitativa foi desenvolvida uma proposta de criação de formas tridimensionais, a partir da utilização de materiais da natureza, com uma criança, Amanda, que tem seis anos e estuda no primeiro ano de uma escola de Pelotas (RS). A atividade durou cerca de duas horas. A partir dos materiais acessíveis no entorno da casa de Amanda – e foi neste ambiente que foram realizadas as coletas de dados fotográficos – busquei com que a criança, por meio do incentivo à imaginação, desenhasse no chão, incorporando as materialidades naturais em sua produção. E, conforme assegura IAVELBERG, as propostas de apelo à imaginação possibilitam ao aluno a aquisição do desenho, criando formas. “Tais propostas servem para expandir seu repertório, incorporar regularidades, desenvolver habilidades e tem como finalidade aprimorar o percurso criador do aluno enquanto desenhista ao propor suas poéticas” (2006, p.75).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O trabalho principiou a partir da demonstração de que podemos desenhar sem papel ou lápis, sem a utilização de linhas gráficas, buscando expressar, por meio de elementos da natureza, em suas variadas constituições, formas que nos possibilitem criar algo. Assim, é possível promover uma espécie de pesquisa a partir da descoberta de outras formas de desenhar e de recursos gráficos inusitados. DERDYK sustenta que:

Geralmente entendemos o desenho como “coisa de lápis e papel”, como esboço ou croqui subordinado à explicação de uma ideia, à representação de algum objeto. Com isso estaremos revitalizando conceitos, investigando as várias formas de atividades em que o desenho se manifesta (1989, p. 26).

Foram realizadas algumas montagens com os materiais naturais com o objetivo de despertar a curiosidade da criança para as formas e materiais, e em seguida as mesmas foram retiradas, para que a menina experimentasse tais construções. A tarefa foi realizada com desenhos a partir de folhas verdes e/ou secas, as quais estavam dispostas no chão, sem a necessidade de arrancá-las (Figura 1). Durante o desenvolvimento do trabalho conversamos sobre os materiais disponíveis e a proposta pedagógica. A partir disso, Amanda conseguiu formar uma figura que sugeria um rosto, este como resultado de gramas verdes e secas e folhas verdes (Figura 2).



Figura 1 – Apropriação dos materiais naturais



Figura 2 – Criação de um rosto

Observei que a criança se empolgou com o resultado e resolveu inserir outros materiais para sua produção, expressando uma mobilização de [...] sentidos em torno de algo significativo, dando uma outra forma ao percebido e vivido. [...] As crianças, ao se expressarem através da linguagem visual, desejam contar suas histórias, seus pontos de vista sobre sua realidade (CUNHA, 1999, p. 12). A partir desta forma inicial, resolveu construir um corpo, e recorreu às gramas secas dispostas no quintal, buscando organizá-las, de maneira a constituir uma figura reconhecível (Figuras 3 e 4).



Figuras 3 e 4 – Composição da figura inteira

Por solicitação de Amanda resolvi desmanchar o primeiro boneco para a realização do próximo. “O brilho em seus olhos e pelo movimento de seu corpo tive a sensação que ela estava muito animada com o que estava fazendo” (CADERNO DE CAMPO, 2015). Desenvolvendo seu segundo desenho, Amanda afirma que quer desenhar uma borboleta (Figuras 5 e 6). Podemos observar que a menina utilizou alguns modos de construção da figura semelhantes ao trabalho anterior, apenas modificando a posição dos elementos. Conforme assegura IAVELBERG (2006, p. 72), “o desenho pode ser feito para aprender sobre arte, para criar em arte, além de cumprir funções não artísticas, como em ações interdisciplinares nas quais opera como desenho de representação”.



Figuras 5 e 6 – Composição de uma borboleta

4. CONCLUSÕES

A realização da atividade no ambiente familiar de Amanda propiciou um bom envolvimento e excelente acolhida à proposta. Nesta oportunidade houve o tempo de coleta do material realizado pela criança, com meu auxílio e o desenvolvimento do processo. Após, ocorreu o tempo de desconstrução do desenho tridimensional e o recolhimento dos resíduos para que a área ficasse limpa. Esta empreitada foi realizada com intensa alegria e euforia.

Apesar do trabalho ter sido realizado na casa da criança, podemos pensar que este tipo de atividade pode ser feito em âmbito escolar, dando margem para o desenvolvimento de propostas com maior liberdade aos alunos. Observou-se que esta proposta apresenta uma nova oportunidade de experimentação de materiais anticonvencionais, buscando a alegria e o incentivo à imaginação nas aulas de Artes Visuais. Proposta semelhante, porém com a utilização de imagens da História da Arte, pode ser vista no trabalho desenvolvido por Zamperetti (2013).

Assim, compete ao professor estimular a criança, para que ela própria reconheça as suas potencialidades como possibilidade de conquistar o que ainda não conhece, e que quer saber, construindo novas formas de expressão e imaginação.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CUNHA, Susana Rangel Vieira da (org.). **Cor som e movimento: a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança**. Porto Alegre: Mediação, 1999.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho**. São Paulo: Scipione, 1989.

IAVELBERG, Rosa. **O desenho cultivado da criança. Prática e Formação de educadores**. Porto Alegre: Zouk, 2006.

ZAMPERETTI, Maristani Polidori. **Criações e releituras de imagens – uma pesquisa no Ensino de Artes Visuais**. Ecos Revista Científica (Impresso), v. 32, p. 139-155, 2013. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/715/71530929009.pdf> Acesso em: 12 ago. 2016.